

Manifesto por um Judaísmo Livre
Parte I - Rompendo com a Escravidão
Por Sha'ul Bensiyon

עבדים היינו, עתה בני חורין
`abadim hayinu, `atá benê-horin
Escravos fomos, agora somos livres.
(Trecho tradicional da Hagadá de Pessah)

I - Escravidão

O trecho acima é cantado tradicionalmente nas festividades da Páscoa Judaica. Fala sobre o fato de que o Eterno nos encontrou em estado de escravidão, e dela nos tirou, de modo que hoje somos livres... Ou somos?

Por muito tempo, o povo perambulou no deserto, ainda com a mentalidade de escravo. Infelizmente, isso perdurou por muito tempo, e a todo momento o povo dizia: *"Quem dera tivéssemos morrido na terra do Egito!" (Bamidbar/Números 14:2)*

Infelizmente, hoje acontece o mesmo. O exílio e a perseguição do povo judeu, bem como a alienação de muitas famílias às suas origens judaicas, acabou por fazer com que o povo se acostumasse com padrões de outras religiões. Padrões esses que muitas vezes escravizam, sem que se dê conta.

Chega contudo um momento em que os filhos de Israel precisam se dar conta desse estado, e dizer: `atá benê-horin!

Mas, para que isso ocorra, o que é preciso fazer? A resposta está nas Escrituras.

II - A Lição de Hizkiyahu

"Ele tirou os altos, quebrou as estátuas, deitou abaixo os bosques, e fez em pedaços a serpente de metal que Moshé fizera; porquanto até àquele dia os filhos de Israel lhe queimavam incenso, e lhe chamaram Nehushtan." (Melakhim Bet/2 Reis 18:4)

O rei Hizkiyahu (Ezequias) foi um dos melhores reis que Yehudá (Judá) teve, desde a divisão do Reino. E um de seus primeiros atos foi o de fazer em pedaços a *Nehushtan*, isto é, serpente que Moshé (Moisés) havia feito.

Essa serpente tinha sido ordem do próprio Criador, e ainda assim a Bíblia descreve sua ação como virtuosa. Porque do jeito em que as coisas estavam, o quadro era irremediável. Melhor cortar o mal pela raiz a permanecer na desobediência.

Se até para um objeto que veio do Eterno, observa-se que é preferível ser eliminado a ter seu propósito tornado em coisa maligna, quanto mais isso é verdadeiro quando se fala de coisas criadas pelo ser humano.

III - O Veneno da Serpente de Bronze

Até alguns séculos atrás, o Judaísmo não conhecia organizações, denominações, entre outros. Era uma prática puramente comunitária. Infelizmente, a influência de outras religiões transformou-o irremediavelmente em uma religião fundamentalmente institucional. E, como a *Nehushtan*, ser conivente com isso é pura e simplesmente adiar o inevitável: É preciso repensar o todo.

É importante compreender o seguinte: Instituições religiosas tendem naturalmente à corrupção, tão certo quanto a água tende a evaporar diante de uma fonte de calor. São como feras vorazes que, inevitavelmente, devorarão pessoas para se manterem vivas.

Acredito que a maioria delas nasce do coração de pessoas bem intencionadas, com vontade de fazer coisas diferentes. Porém, acabam inevitavelmente indo pelo mesmo caminho.

Não raro, encontro pessoas de origem hispano-portuguesa com ótimas intenções que, estando entristecidos com as instituições já existentes, pensam em fundar novas organizações para levar adiante um Judaísmo mais alinhado com suas origens.

Passado algum tempo, novos dissabores, novas tristezas, novas decepções. Porque, na realidade, estão simplesmente tentando fazer mais do mesmo, e achando que isso irá trazer alguma experiência diferente. É o que a historiadora judia Barbara Tuchman apelidou de 'Marcha da Insensatez'.

Hizkiyahu podia ter convocado os sacerdotes, promovido uma campanha de conscientização sobre o que era a serpente de Moshé, e porque ela não deveria ser adorada. De nada adiantaria. Passados alguns séculos, certamente o povo voltaria a cultuar a serpente.

Em 1968, o brilhante psicanalista e pensador Jacques Lacan foi indagado quanto à Revolução Estudantil na França. Ele então disse uma frase que o tornaria famoso: "*Eu aguardo, mas não espero nada.*" Isso porque a revolução não queria de fato mudar o sistema, mas sim aqueles que estavam no poder.

Achar que a resposta aos males das organizações religiosas seria simplesmente uma nova organização religiosa, com pessoas diferentes, é acreditar que, trocando o lobo, o galinheiro estará mais seguro.

A verdade é que existem dois tipos de instituições religiosas: As que já são corruptas, e as que um dia se tornarão corruptas. E enquanto o Judaísmo não se libertar desse mal, não haverá de fato um retorno aos caminhos do Criador. Peço ao leitor licença para explicar abaixo.

IV - A Verdade sobre as Instituições

Convido agora o leitor a uma reflexão. Imagine que você é o administrador de uma empresa. Essa empresa tem muitas contas a pagar, o que inclui o salário dos funcionários. Você tem uma carteira de vários clientes, porém tem aqueles dois ou três que são responsáveis por 80% do faturamento.

A quem você procuraria atender melhor? E se esses principais clientes achassem que a sua empresa deveria modificar a forma de atendimento, para dar conta de suas demandas? Você diria um sonoro 'Não!' ou tentaria, na medida do possível, atender ao máximo esses clientes?

Você construiria uma relação de indisposição com eles, ou procuraria aplicar a máxima de que o cliente (quase) sempre tem razão?

Qualquer pessoa com um mínimo de bom-senso responderia que a empresa deve sempre atender da melhor forma possível, e mostrar flexibilidade quando estiver diante das demandas de seus maiores clientes. E tentaria ao máximo possível evitar se indispor com eles.

O problema é que nem sempre as pessoas se dão conta de que as instituições religiosas são empreendimentos, como quaisquer outros. E, em sendo assim, a sua própria necessidade de subsistência a coloca em choque com os valores do Eterno.

Não raro, escuto desabafos de líderes comunitários, até bem intencionados, quanto a terem que fazer vista grossa, ou bajular, pessoas financeiramente importantes, ou cujo prestígio faz com que a comunidade sem ela não opere.

O veneno idólatra da Nehushtan não escolhe vítimas. Gradativamente, a organização e seus interesses passam a ser as verdadeiras divindades daquele grupo, e os valores do Eterno ficam em segundo plano.

Infelizmente, todas as vezes em que alguém me diz: "Faremos diferente!" ou "Encontrei um lugar que não é assim!" - o resultado é sempre o mesmo: Decepção, lágrimas e a dor de ter investido não apenas tempo e dinheiro, mas todo emocional em cima de uma organização.

Nada mais corrupto, idólatra, e menos judaico, do que a institucionalização da fé em denominações religiosas.

V - Vaidade de Vaidades

Em 2012, a edição israelense da revista Forbes divulgou a fortuna dos dez rabinos mais ricos de Israel. A lista nem mesmo levou em consideração a Diáspora. Até quatro anos atrás, essa fortuna era estimada em 620 milhões de dólares.¹

Só o rico negócio dos milagres dos descendentes do célebre Baba Sali é estimado em cerca de um bilhão de sheqels israelenses por ano!² E isso não é nada perto do volume de negócios das instituições religiosas em geral.

Quando se visita uma instituição religiosa, é inevitável se deparar com duas coisas muito frequentes: A primeira delas, a tendência encontrar uma forma de fazer a vontade daqueles que são os principais doadores. Afinal, como dito anteriormente, são empreendimentos.

¹ <http://forward.com/news/israel/187462/israels-richest-rabbi-on-forbes-list-is-367m-man/>

² <http://www.haaretz.com/israel-news/forbes-presents-the-richest-rabbis-in-israel-1.435748>

E como empreendimentos, precisam sempre se preocupar de não desagradar os seus clientes. Por essa razão, coisas como conversões, casamentos, e o próprio dia-a-dia comunitário são sempre planejados de forma a acomodar os desejos e anseios daqueles que sustentam o negócio.

Não é raro, portanto, encontrar homenagens a políticos, mesmo aqueles conhecidamente corruptos, ou lugares ostentarem placas enormes de agradecimento a quem generosamente doou milhões.

Coisas mais complicadas como conversões ou casamentos mistos, num passe de mágica, se tornam acessíveis, com um pouquinho de boa vontade para acomodar os endinheirados. Histórias desse tipo de coisa existem em profusão nas comunidades.

Mesmo que uma instituição comece séria, é apenas questão de tempo até que comece o processo de parasitar seus membros, e de cometer desvios em função da manutenção do caixa. Isso, claro, se sobreviver.

VI - Guerra de Egos

Além do problema financeiro, há ainda a questão do poder. Poucos admitem, mas a verdade é que o ser humano é ávido por status. E as disputas de posições de poder, ou mesmo de ideias para os rumos de uma organização logo surgem.

É incontável a quantidade de pessoas que o autor deste material encontrou dizendo mil maravilhas sobre certa organização A ou B, para apenas alguns meses depois relatarem o quanto foram feridas. Ou relatam que a organização não suportou as divergências.

A verdade é que as instituições parecem ganhar vida própria, e devoram aqueles que dela se aproximam. E a única forma de se relacionar com elas é mantendo distância, que é o que alguns conseguem fazer quando se aproximam de uma grande organização. É a célebre cegueira seletiva. Enquanto não sabem dos bastidores, não há necessidade de saber do que acontece.

VII - Deixando a Ilusão

Isso significa dizer que as instituições tudo que as instituições fazem é sempre negativo? Não! Mas é aí justamente onde está o perigo. Muitos se enganam por ver o lado bom e positivo, sem se darem conta do preço que se paga.

Na realidade, significa que a própria existência de tais organizações, algo que foi estranho ao Judaísmo durante muitos séculos, é incompatível com a postura que a fé precisa tomar. E o Eterno nunca comprou carteirinha de qualquer de tais grupos.

Alguns leitores podem sentir um certo sabor amargo ao se depararem com tais palavras, afinal, quem não gosta de ir a um local onde há um encontro social, onde haja ar condicionado, boa iluminação, cadeiras confortáveis, etc, nos tornando praticamente espectadores de um show privativo?

Embora tenha sido odiado em seu tempo, porque desafiou paradigmas, o genial pensador judeu Barukh Espinoza foi brilhante ao, num poema, simbolicamente apresentar o Eterno como dizendo:

“Pára de ir a esses templos lúgubres, obscuros e frios que tu mesmo construístes e que acreditas ser a minha casa. Minha casa está nas montanhas, nos bosques, nos rios, nos lagos, nas praias. Aí é onde Eu vivo e aí expresso meu amor por ti.”

Embora nem tudo o que esse admirável judeu hispano-português tenha dito seja compatível com a fé judaica, de cunho mais teísta, não se pode deixar de observar o quanto Espinoza tinha razão.

Em tempos antigo, o povo de Israel compreendia que o buscar o Eterno era feito onde pessoas se reunissem nesse propósito. Foi apenas no exílio que herdou esse hábito de consumir uma religião enlatada e altamente passiva.

Enquanto esse modelo for idolatrado, não haverá verdadeira teshuvá (retorno).

Será que os aplausos, papéis ou espaço midiático ofertado pelas instituições, sem qualquer autoridade ou chancela do Criador, é suficiente para encantar os incautos, tanto quanto ilude as pretensas autoridades, que só querem holofotes?

Mas, será que estamos dispostos a fechar nossos olhos e pagarmos o preço por tais coisas, mesmo sabendo que o Eterno está distante desse tipo de empreendimento?

É uma pergunta que todo aquele que é sincero em sua caminhada com o Criador precisa se fazer, e deixar sua consciência o guiar para a resposta certa, e não ceder à resposta mais confortável ou que dá menos trabalho.

Encerro esta primeira parte com palavras que nossos profetas disseram, tão antigas porém extremamente atuais:

"Assim diz ADONAY: O céu é o meu trono, e a terra o escabelo dos meus pés; que casa me edificaríeis vós? E qual seria o lugar do meu descanso? Porque a minha mão fez todas estas coisas, e assim todas elas foram feitas, diz ADONAY; mas para esse olharei, para o pobre e abatido de espírito, e que treme da minha palavra." (Yeshayahu/Isaías 66:1,2)